

MULHERES E O HOLOCAUSTO.
NARRATIVAS DE SOBREVIVENTES JUDIAS.

Lilian Ferreira De Souza¹

Introdução

A derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial resultou em instabilidades econômicas, polarização de partidos políticos, além de altas taxas de desemprego. Em 1933 com a ascensão de Adolf Hitler ao poder, observa-se a implantação de um governo totalitário. Novas organizações do partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães ou partido Nazista, ganharam espaço no cenário político, entre as quais as organizações juvenis, a de mulheres² e as associações culturais de forte viés nacionalista. Um dos seus objetivos era o de criar uma identidade comum baseado no modelo de perfeição racial do povo - *Volk* – elevando a Alemanha à condição de potência mundial, além do plano de conquista de outros territórios. Somente os membros deste povo poderiam empenhar-se nessa tarefa nacional, pois pertencentes à raça ariana³ estavam aptos para servir a pátria.

Como parte do plano de conquista de um espaço vital, as tropas do exército nazista partiram em direção ao Leste Europeu. Ao incorporarem a Áustria em 1938, estenderam aos judeus austríacos os tormentos, humilhações, prisões e a necessidade de deslocamento em busca de refúgio. Em setembro de 1939 as tropas nazistas invadiram a Polônia: começava a

¹ Mestranda pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Arquivo Virtual sobre Holocausto e Antissemitismo – Arqshoah – LEER/USP. Bolsista CAPES. E-mail: lilian@arqshoah.com.br

² A Liga Nacional Socialista de Mulheres – *Nationalsozialistische Frauenschaft*, foi dirigida por Gertrud Scholtz-Klink. Um dos objetivos da organização era de educar as mulheres com os princípios do partido e orientar as tarefas que envolviam a maternidade e o ambiente doméstico. VASQUEZ, María Gabriela. "Las mujeres y la Shoá: el caso de las auxiliares SS". In: *Nuestra Memória*. Publicacion del Museo Del Holocausto. Año XVI. Nº 34. Diciembre de 2010.

³ “*Ariano* era um termo linguístico, originalmente relacionado com um grupo indo-europeu de idiomas. Desde antes do final do século XIX já havia sido distorcido como conceito por um número de autores, entre eles Houston Stewart Chamberlain, que lhe deu conotações raciais, usando-o para indicar superioridade em relação as raças semitas.” O termo *semita* também linguístico – relacionado a um grupo de idiomas que incluía o hebraico e o árabe. GILBERT, Martin. *O Holocausto: História dos Judeus na Europa na Segunda Guerra Mundial*; tradução de Samuel Feldberg, Nancy Rozenchan. São Paulo: Editora Hucitec, 2010. P.28

Segunda Guerra Mundial. A Polônia que tinha na sua população uma grande comunidade judaica ficou à mercê das imposições da guerra e do tratado de divisão com a União Soviética. Conseqüentemente as mesmas restrições racistas foram impostas sobre a comunidade judaica polonesa. Ampliava-se assim o “rol dos expatriados”, conforme analisa Tucci Carneiro em *Cidadão do Mundo*. Em 1940, países como a França, Holanda, Bélgica, Dinamarca e Noruega também são ocupados pelas tropas nazistas, cada um com suas particularidades políticas, estendendo o desespero aos judeus desses países cujos governos endossaram as legislações racistas propostas pela ideologia nazista.

Os anos entre 1939 a 1941 são definidos como o período concentracionário, quando milhares de judeus tiveram a desapropriação de seus bens (residenciais e comerciais) e foram deportados para guetos criados em várias cidades ocupadas como, por exemplo, em Lodz, Czestochowa, e posteriormente Varsóvia, um dos maiores. A legislação antijudaica obrigava os judeus com idade entre dezesseis e cinquenta anos a se apresentarem aos Conselhos Judaicos para servirem nos campos de trabalhos forçados, entre os quais os de Belzec, Josefow, Poznan. O trabalho era pesado e marcado por frequentes surras e ofensas, segundo relatos de algumas sobreviventes. Posteriormente, eram deportados para os campos de concentração, como o de Auschwitz estabelecido em 1940 na cidade de Oswiecim, na Polônia. Ali os prisioneiros eram encaminhados diretamente para as câmaras de extermínio, prática que configurou a execução do “plano de Solução Final para a questão judaica”.

De 1941 a 1945 observa-se a proliferação dos campos de extermínio, que garantiram “solução para a “questão judaica” com as mortes em massa nas câmaras de gás. Considerando-se esta cronologia dos acontecimentos do Holocausto, verifica-se que um dos maiores genocídios do século XX, ocorreu de forma estrategicamente pensada por um Estado que, para impor sua soberania sobre um povo, utilizou-se de um violento esquema de exclusão mantido pela força e abuso do poder. As instituições criadas pelo Partido Nacional Socialista foram fundamentais para colocar em prática os planos definidos pelo Estado: de criar uma sociedade “limpa de judeus”.

A derrota do nacional socialismo alemão expôs ao mundo as conseqüências de uma ideologia que previa o extermínio dos judeus a partir da escravização e a morte sistemática.

(...) Diligentes burocratas alemães, que certamente teriam achado repugnante tanger eles os próprios judeus mortos de fome para

abatedouros, podiam organizar os horários de trem para o abastecimento regular de comboios da morte para os campos de extermínio poloneses, com menos senso de envolvimento pessoal. As maiores crueldades de nosso século foram as crueldades impessoais decididas a distância, de sistema e rotina, sobretudo quando podiam ser justificadas como lamentáveis necessidades operacionais. Assim o mundo acostumou-se à expulsão e matança compulsórias em escala astronômica, fenômenos tão conhecidos que foi preciso inventar novas palavras para elas: sem estado (apátrida) ou genocídio. (HOBSBAWN, 1995. P. 57)

1 - Programas políticos para mulheres: arianas e judias

A mulher ariana era vista pelo Terceiro *Reich* como reprodutora ideal, aquela que garantiria a renovação do povo e aumentaria as taxas de natalidade, principalmente no período de depressão econômica, após a derrota na Primeira Guerra Mundial. A figura da mãe ariana seria o símbolo da contribuição das mulheres para o combate a degeneração das raças.

Las mujeres alemanas – decía el próprio Hitler – quieren ante todo ser esposas y madres(...). No echan de menos la fábrica, no echan de menos la oficina y tampoco echan de menos el Parlamento. Un hogar íntimo, un marido cariñoso y un montón de niños felices es algo más próximo a sus corazones. (SIGMUND, 2000, p. 23-4).

Após a Primeira Guerra Mundial, algumas conquistas das mulheres eram irrevogáveis (direito ao voto, acesso à educação e ao mercado de trabalho) a emancipação ao olhar dos dirigentes nazistas era maléfica e resultava da forte influência dos intelectuais judeus (GREEN, 1991, p.260-3). A mulher ariana era foco da propaganda que defendia a preservação da raça, o modelo a ser seguido era o de Magda Goebbles, esposa do ministro da Propaganda, mãe de seis filhos. Foi a primeira a receber a “Cruz de Honra para a Mãe Alemã”, considerado como um verdadeiro ‘culto à maternidade’. (VASQUEZ, 2010, p.253).

“Algumas mulheres deveriam contribuir como mães, para a renovação nacional e para o aumento da taxa de natalidade após o declínio desta; as outras eram consideradas indesejáveis, sobretudo como mães.” (BOCK, 1991, p. 186).

As mulheres operárias eram incentivadas a permanecerem em seus postos, sobretudo após 1939, com o início a guerra, a economia alemã necessitava dessa importante mão de obra, principalmente no setor bélico e na agricultura. Elas deveriam servir o Estado em casa ou no trabalho. Verificou-se a implantação de creches, jardins infantis, licença maternidade, empréstimos matrimoniais aos casais que pretendiam ter filhos e abonos mensais para aqueles que tinham até o quinto filho. As mães solteiras eram amparadas por uma comissão de assistentes sociais, para que evitassem o aborto, somente permitido para fins eugênicos. Todas essas medidas foram parte de um amplo programa de política de população, claramente vetado às mulheres judias.

Os resultados do programa político para a natalidade podem ser verificados nas estatísticas. A taxa de crescimento populacional em 1933 era de 14% e em 1936 foi de 19%. Embora a propaganda política fosse repetitiva, muitas mulheres não recebiam nenhum benefício econômico. (BOCK, 1991, p. 207). Se nos primeiros anos do nazismo, as mulheres alemãs eram incentivadas ao culto da maternidade, com o início da guerra tiveram que assumir os postos de trabalho antes destinados aos homens. No ambiente doméstico, longe de seus maridos, que foram à guerra, deveriam proteger os filhos e prover os alimentos cada vez mais escassos devido aos racionamentos.

Enquanto as mulheres arianas tinham alguns privilégios, a mulher judia a partir de abril de 1933 passa a conviver com uma série de leis antisemitas que postulavam o seu lugar de inferioridade na sociedade alemã.

Duas leis, ambas assinadas pessoalmente por Hitler, definiram ‘cidadania do *Reich*’ e estabeleceram regras para a ‘Proteção do Sangue e da Honra Alemães’.(...) só teriam direito à cidadania ‘os alemães ou seus parentes’. A segunda lei estipulava que todos os judeus eram definidos como não sendo de sangue alemão. Casamentos entre judeus e ‘cidadãos’ alemães estavam proibidos; todos os

casamentos realizados ‘em desrespeito a esta lei’ eram inválidos. Relações sexuais fora do casamento, entre judeus e alemães, estavam proibidas. (GILBERT, 2010, p. 50)

Após o decreto racial de Nuremberg em setembro de 1935, a segregação ganhou respaldo legal, restava ao judeu a certeza de para ele não havia mais lugar na Alemanha, sem cidadania, sem igualdade perante a lei, expulsos de seus trabalhos e estudos, restava a emigração ou a esperança que as restrições passariam.

Segundo a historiadora alemã, Gisela Bock, a partir de 1933 se iniciam os programas de políticas para a população que visavam o controle da natalidade para aqueles considerados inferiores racialmente. As esterilizações eram feitas em pessoas portadoras de deficiências mentais (esquizofrenia, epilepsia, depressão), além dos racialmente inferiores (negros, judeus e ciganos). Cumpre ressaltar que, a prática era executada em homens e mulheres.

(...) foram criados cerca de 250 tribunais de esterilização especiais, juristas, psiquiatras, geneticistas, antropólogos e médicos tinham aí assento para decidir sobre a procriação. As instituições médicas foram reestruturadas, ao abrigo de legislação própria e sob o controle estatal, outorgando-lhes poderes para procurarem entre a população candidatos à esterilização. (BOCK, 1991, p. 187).

Em 1939, a prática da eutanásia foi implantada⁴. Os selecionados eram pacientes de clínicas psiquiátricas, homens e mulheres, diagnosticados como incuráveis, a única solução era a morte. Para Gisele Bock, a mentalidade dos especialistas perpetradores era que esta prática era considerada como uma morte natural e sem sofrimento ao doente. O objetivo era garantir a segurança racial ao povo alemão. Em virtude da política de “intervenção no corpo”, médicos, psiquiatras e enfermeiras habituaram-se em lidar com tais experimentos ditos

⁴ Grafeneck, Bernburg, Brandenburg, Hadamar, Hartheim e Sonnenstein. Hoje são centros de memória em rememoração às vítimas da matança sistemática e industrial de milhares de pessoas utilizando monóxido de carbono em sua forma pura, no site do Centro de Documentação Memorial de Grafeneck calcula-se que cerca de 10.600 pessoas entre homens, mulheres e crianças foram assassinados em 1940. <http://www.gedenkstaette-grafeneck.de/>, acesso em maio/2012.

científicos, muitas dessas práticas foram transferidas, mais tarde, para os campos de concentração e extermínio. (BOCK, 1991, p. 190-2).

2 – Vozes femininas: sobreviventes do Holocausto.

As narrativas sobre as mulheres sobreviventes judias apresentam o testemunho da dor, da sensibilidade, da superação, da reconstrução da vida após o trauma e revelam a ‘frieza assustadora’ dos perpetradores tocando em pontos delicados, sobretudo sobre a vulnerabilidade de seus corpos diante da truculência.

Trancaram as mulheres em um dos quartos e os homens em outro. Roubaram tudo que puderam pegar, e ordenaram aos homens que carregassem o caminhão, distribuindo socos e golpes. As mulheres foram individualmente revistadas, buscando qualquer coisa que pudessem ter escondido. Mas, não contentes, com armas apontadas para as mulheres e meninas, forçaram-nas a se despirem e examinaram suas partes íntimas. E mesmo isto não foi suficiente. Forçaram as mulheres e meninas a subirem na mesa e pularem com as pernas abertas.” (GILBERT, 2010 p.105)

A violência sexual no Holocausto assumiu diferentes formas, estupros, coerção, humilhações e nudez caracterizam a terrível prática perpetrada por nazistas e judeus. Poucos registros testemunhais abordam esta forma particular de sofrimento, sobretudo porque os nazistas eram oficialmente proibidos de manterem relações sexuais com judeus em virtude da aplicação das leis de Nuremberg, se fossem detidos, o que raramente acontecia, seria pela prática de contaminação racial ou profanação da raça – *rassenschande*. (Goldenberg, 2010, p. 270).

Há evidências, nos relatos e testemunhos históricos, de que essas leis eram infringidas com frequência. A maioria das sobreviventes não fala sobre sua própria exploração sexual, porém algumas contam histórias sobre o sofrimento de suas companheiras. A questão de gênero

durante o Holocausto só começou a ser explorada 25 anos atrás, e sua significação ainda não foi resolvida (SAIDEL, 2009 p. 39)

A singularidade do relato feminino, as situações únicas vivenciadas por elas, como por exemplo, o recato diante da nudez forçada perante os oficiais nazistas, são questões que passam pelo universo do tormento físico e mental, entendemos a opção de algumas mulheres nunca falarem sobre a violência sofrida sexual ou observada. Registros como o diário de Mary Berg, sobre a violência praticada pelos nazistas no gueto de Lodz em 1939, narram algumas passagens dramáticas para as mulheres.

Vários nazistas entraram em seu apartamento e, após uma detalhada busca em todos os cômodos, forçaram as duas moças a entrar na sala onde havia um piano. Quando os pais tentaram acompanhá-las, os nazistas os golpearam com cassetetes na cabeça. Então os nazistas trancaram a sala e ordenaram às moças que se despissem. Ordenaram à mais velha que tocasse uma valsa vienense e à mais nova que dançasse. Mas os sons do piano misturavam-se com o choro dos pais no quarto adjacente. Quando a moça mais nova desmaiou em meio à dança, a outra irmã começou a gritar por socorro na janela. Foi demais para os nazistas, que se foram. Minhas colegas mostraram-me as marcas azuis e negras deixadas em seus corpos, após a luta com seus torturadores. (GILBERT, 2010 p.111)

As narrativas abordam diferentes experiências marcadas pelas relações entre o espaço da casa e o espaço concentracionário de guetos e campos sempre traumático, além de apresentar a organização diante da ausência de familiares após o final da guerra e da libertação. Durante os anos do regime nazista verificam-se as consequências do discurso produzido pelo Estado sobre as mulheres judias. Presente na fala dessas mulheres está a percepção que estavam sendo controladas e sabiam quais eram os estigmas que as caracterizavam como inferiores.

Estigma – portar a estrela amarela

“Depois de duas, três semanas tivemos que colocar a estrela amarela. E já foi estabelecido que iríamos viajar a uma cidade maior, onde seríamos deportadas. Tivemos duas semanas de prazo para pegar o trem e levar o essencial, poucas coisas, e ir para aquela tal cidade.

Em Budapeste, naquela época, os judeus estavam aglomerados e apavorados. Depois ficamos sabendo que Eichmann chegou com a sua equipe e queria começar por Budapeste. Mas disseram a ele que a cidade estava livre de judeus. Não sei por que os técnicos começaram pelo interior. Em seis semanas não havia mais judeus na Hungria. Foi uma brutalidade. E depois veio outra ordem: todos os judeus tinham que ir às casas marcadas com estrelas. Tinha estrela desse tamanho amarela, a mesma que usávamos no casaco, grudada no portão do prédio onde só viviam judeus. O único não judeu era o zelador e cada família podia ocupar um quarto.”⁵

Separação

“Meu pai encontrou um trabalho como coletor. Ele viajava a cada manhã para Budapeste e voltava à noite. Eu o esperava na estação e era a nossa felicidade, nós comentávamos os acontecimentos do dia, até que um dia... o meu pai era um homem muito lido, ele lia os jornais todos os dias sabia da situação e ele tinha na minha cidade natal uma irmã, a irmã mais velha, e eles se adoravam. E acho que ele sentia já no ar que alguma coisa ia acontecer e ele resolveu viajar e visitar essa irmã. Foi, acho que em 18 de março de 1944, e eu sei vocês não vão acreditar, isso não tem explicação, meu pai saiu bem cedo da casa, eu senti o cheiro do sabonete dele, que ele se barbeava me deu um beijo, porque a noite a gente se despedia, a mala estava pronta, e assim que ele me beijava, senti com sono, ainda muito cedo,

⁵ Entrevista de Gabriella Fischer para Lilian Souza e Rachel Mizrahi - Núcleo de História Oral. São Paulo 12 de novembro 2008 Acervo Arqshoah-LEER/USP. Gabriella Fischer, nasceu em Szeged (Hungria) em 27 de junho de 1929. Sobrevivente do gueto de Budapeste. Seu pai foi assassinado no campo de concentração de Mühldorf - sub campo de Dachau na Alemanha.

estava escuro, e quando a porta se fechou atrás dele eu pulei fora da cama e corri para chamá-lo de volta, mas ele já tinha ido embora. Eu não sei explicar isso. Aí eu fui no banheiro, peguei o pijama dele que ele havia deixado, levei ele na cama, abracei e caí no sono. Eu não sei onde que eu viajei no meu sono quando acordei, o pijama dele estava molhado com as minhas lágrimas. Foi a última vez que eu vi o meu pai.”⁶

Corpo feminino - humilhações e vulnerabilidade

“Chegou a nossa vez, eram oito mulheres, entre elas eu, minha mãe e a minha irmã. Saímos, tivemos que formar uma roda entre cada mulher uma fascista com um revólver. Nós tínhamos que nos abaixar com uma fascista atrás de nós, nas nossas costas e nos aliviar. Eu morria de vontade urinar, mas não saía uma gota da minha bexiga. A humilhação... eu me sentia violentada, eu me cobri e voltamos com as outras pessoas e é claro que eu não aguentei. O corpo, o frio, aquele ar corrente gelado, a roupa fria no corpo. Eu não podia urinar nas calças porque ia imediatamente se transformar em gelo, e a minha mãe estava com os olhos fechados. Eu a sacodia pensei que já estava morta. Porque a luz era meio verde claro, quase escuro. Eu falei 'mãe, não aguento mais', e ela disse 'você tem que urinar'. Então fomos mais uma vez, fizemos mais uma vez a fila, e aí eu já não me importava. Eu fiz o que precisava fazer em frente deles. Essa foi outra coisa que... tem tantas coisas marcam.”⁷

Improviso para a sobrevivência

“Sobreviver no campo de Bergen - Belsen era muito difícil... aí nós fomos uma vez... eles pegavam jovens para fazerem diversos serviços, mas não eram serviços pesados era pra pegar cobertores, carregar de

⁶ Idem, p. 10

⁷ Idem p. 10.

um lugar pro outro... eu percebi que com esses cobertores podia se fazer uma coisa... eu embrulhei ele embaixo do casaco... me embrulhei com dois cobertores, quando cheguei no meu lugar falei pra mamãe ‘eu tenho dois cobertores, eu vou tirar a lã deles e eu vou fazer meias e luvas pra vender’, qual era a moeda, a moeda era pão. Então eu fiz da madeira as agulhas, fiz cinco agulhas, fazia bonitas meias... tinha muita gente da Grécia, muitas mulheres da Grécia que não estavam acostumadas com esse clima... se espalhou que eu estava vendendo coisas, então eu fazia luvas, mas não de cinco dedos, que não dava, e fazia meias, desse jeito a gente, por um pedaço de pão, uma meia fatia de pão a gente vendia. (...)

Lá, a situação era trágica. Não tinha roupa já estava ficando frio era novembro já tá frio, e não tinha comida, era muito ruim, desde o começo era muito ruim, numa certa hora eles nos transferiram de uma barraca pra outra, não sei porquê”.⁸

Assédio sexual

“O presidente da polícia... se encantou e disse que se eu ia sucumbir aos pedidos dele ele ia fazer o que eu queria ... mas eu não estava com vontade de sucumbir a um velho francês ... mas eu prometi que com o tempo tudo bem ... depois ele permitiu a nossa saída a Casablanca, no campo a gente não tinha possibilidades de renovar os papéis, o visto caducou, por causa do tempo, o dinheiro acabou por que a gente viajou com dez marcos por cabeça, ele nos mandou para Casablanca, e lá tinha várias entidades judaicas pra ajudar casos como o nosso, que ajudaram e renovaram o visto, pro Brasil.”⁹

⁸ Entrevista de Janina Schlesinger para Lilian Souza e Rachel Mizrahi - Núcleo de História Oral Arqshoah. São Paulo 28 de novembro 2008. Acervo Arqshoah-LEER/USP. Janina Schlesinger, nasceu em Cracóvia (Polônia) em 7 de outubro 1924. Sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz (Polônia) e Bergen-Belsen (Alemanha). Sua mãe faleceu no campo de Bergen Belsen.

⁹ Entrevista de Lise Forell para Lilian Souza e Rachel Mizrahi - Núcleo de História Oral Arqshoah. São Paulo 12 de maio 2010. Acervo Arqshoah -LEER/USP. Lisbeth (Lise)Forell, nasceu em Brno

Uma das experiências relatadas pelas sobreviventes é o impacto da mudança no estilo de vida. Durante a permanência nos guetos os sentidos de organização social eram bem mais coletivos do que nos campos.

A luta pela sobrevivência nos campos é narrada de forma trágica. As soluções para vencer a morte eram individuais. O pão, o cobertor, a caneca para a sopa, os sapatos, são objetos únicos, insubstituíveis e raramente compartilhados. A luta pela sobrevivência é desafiadora porque nos campos os parâmetros de coletividade são vigiados. A arma poderosa dos nazistas é desestabilizar qualquer forma de organização coletiva que pudesse gerar alternativas de sobrevivência e resistência digna durante o período de confinamento.

Outro impacto apresentado nas narrativas são as separações de familiares ou amigos. Quando perdemos alguém se perde uma parte daquele indivíduo que até então podíamos encontrar apoio. A separação, como narra Gabriella Fischer, ocorre por interferência do Estado no momento de dissolução dos guetos para as transferências aos campos de trabalho, extermínio ou concentração e também durante a seleção em campos na divisão dos prisioneiros entre os considerados aptos ou não para o trabalho. Ocorre a separação de mães e filhos. De homens e mulheres. Uma estratégia cruel de desmobilização e humilhação daqueles que a única esperança era caminhar ao lado de algum familiar ou conhecido.

As experiências narradas desconstroem a suposta fragilidade do sexo feminino visto que as condições de trabalho nos campos eram similares a carga horária extenuante dos homens. A figura feminina se desenha do ressentimento e da dor e transforma-se em coragem para manter-se muitas vezes sozinha em meio às perseguições. Se em casa a mulher protegia e cuidava dos filhos no campo de concentração vêm à tona as dores, perdas, o silêncio, o rompimento com o hábito e o conforto do lar.

Após 1945 o mundo toma conhecimento das barbáries praticadas pelos nazistas. Os efeitos da Segunda Guerra Mundial - além dos números mortos e das perdas materiais - certamente ficou marcado nas lembranças daqueles que sobreviveram ao conflito que ganhou dimensões genocidas. Se as ações de repressão têm como medidas o contínuo deslocamento

(República Tcheca) em 12 de abril de 1924. Na viagem rumo ao Brasil esteve no campo de refugiados da Legião Estrangeira em Sidi-el-Ayachi em Marrocos.

dos refugiados pelo mundo todo, os atos de salvacionismo e solidariedade podem ser recuperados através das vivências narradas pelos sobreviventes.

BIBLIOGRAFIA

BOCK, Gisela. “A política sexual nacional-socialista e a história das mulheres” In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org.) *História das Mulheres no Ocidente. O século XX*. Edições Afrontamento, Portugal, 1991.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do Mundo: O Brasil Diante do Holocausto e dos Judeus Refugiados do Nazifascismo*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010.

_____. *Holocausto, Crime contra a Humanidade*. São Paulo: Ática, 1998 (Coleção História em Movimento.)

GREEN, Nancy L. “A formação da mulher judia” In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org.) *História das Mulheres no Ocidente. O século XX*. Edições Afrontamento, Portugal, 1991.

GOLDENBERG, Myrna. "Sexo, violación y supervivencia. La mujer judía e o Holocausto". In: *Nuestra Memória*. Publicacion del Museo Del Holocausto. Año XVI. Nº 34. Diciembre de 2010.

GOFFMAN, Erving. *Estigma Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*. Tradução Márcia Bandeira M. L. Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975

GILBERT, Martin. *O Holocausto: História dos Judeus na Europa na Segunda Guerra Mundial*. Tradução de Samuel Feldberg, Nancy Rozenchan. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*, 5º ed. São Paulo: Edições Loyola. 1996

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOBBSBAWN, Eric J. *Era dos Extremos: O Breve Século XX – 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAIDEL, Rochelle G. *As Judias do Campo de Concentração de Ravensbrück*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SIGMUND, Anna Maria. *Las mujeres de los nazis*. Traducción de Carlos Fortea. Buenos Aires: Plaza e Janés Editores, 2000

VASQUEZ, María Gabriela. "Las mujeres y la Shoá: el caso de las auxiliares SS". In: *Nuestra Memória*. Publicacion del Museo Del Holocausto. Año XVI. Nº 34. Diciembre de 2010.